

Lúcia Maria Ribeiro Carvalho

## *A Construção do Convento de S. Gonçalo de Amarante*

### Resumo

No decorrer do século XVI o culto dos Santos locais sofre um grande impulso mercê da procura de resposta às angústias e aflições do povo.

S. Gonçalo de Amarante insere-se neste grupo de Santos locais e o seu culto fazia deslocar multidões. Daí o interesse dos Dominicanos na edificação do Convento com o seu nome. O Convento é fundado em 1540 por D. João III e a sua construção irá prolongar-se até ao reinado de Filipe I de Portugal, estando bem patente este grande espaço temporal no resultado final, que não é unitário, sendo evidentes os “traços” dos diferentes mestres que intervieram na sua construção.

É sobre este Convento e sobre os responsáveis pela sua construção que se debruça este trabalho.

### Abstract

The quest for answers to the agonies and torments of the people served as a great impetus to the worship of local Saints throughout the 16th century.

St. Gonçalo of Amarante is included in this group of local Saints and his worship drew crowds of people. This was why the Dominicans wanted to build the Convent in his honour.

This Convent was founded in 1540 by João III and its construction was not complete until the reign of Philip I of Portugal. The passage of this long period of time is clearly reflected in the final result, which is not consistent or uniform in style. The traits of the different masters who took part in its architecture are distinctive and clear.

This work focuses on this Convent and those responsible for its construction.

### **1. O século XVI e o reinado de D. João III**

O campo de poderes no nosso país sofre uma profunda transformação durante o século XVI. Desenvolve-se a burocracia régia e criação de um sistema de conselhos aos quais são alargadas as competências e esfera de intervenção, reformando-se a Igreja com a conseqüente reconstituição da sua hierarquia, controle do clero, reforço da acção pastoral e do disciplinamento das populações

ao mesmo tempo que se criam e difundem importantes formas de acção social como as misericórdias, capelas e confrarias. A Igreja é, cada vez mais, uma forte presença na sociedade. Os principais ritos de passagem – baptismo, casamento e morte –, consagrados como sacramentos pela Igreja, são definitivamente enraizados nesta época. A difusão das confrarias cria laços de sociabilidade.

Reina D. João III, “O Piedoso”, filho de D. Manuel I e de D. Maria. Rei que teve apurada educação com o humanista Luís Teixeira, o físico Tomás Torres, o cosmógrafo Caçadilha, D. Diogo Ortiz de Vilhegas e outros. Tinha a responsabilidade de gerir todo o império, no ponto máximo da expansão ultramarina.

É no reinado de D. João III (e durante todo o século XVI) que a expressão do culto dos santos locais se torna maior. Neste grupo de santos se inclui S. Gonçalo de Amarante, santo casamenteiro e resposta para as aflições e as angústias do povo. Foi, concerteza, a fé do povo que levou ao interesse dos Dominicanos na edificação do Convento com o nome de S. Gonçalo de Amarante.



Fig. 1 - Vista geral da Igreja

Os conventos tiveram sempre uma traça fundamentalmente igual (embora com diversidade de estilos arquitectónicos), devida à exigência da vida religiosa em comunidade: a igreja conventual, o claustro encostado à igreja “*para onde, no rés-do-chão, abriam as salas em que se realizavam os restantes actos da vida comum, a casa ou sala do capítulo para as reuniões solenes de instrução e correcção e governo, às quais assistiam os frades de todos os tempos, porque a sala era também cemitério, o refeitório, com as dependências de sua serventia, e algumas vezes a biblioteca; em cima, a toda a volta, corriam os dormitórios, com celas individuais para o estudo e repouso; ao redor do edifício, campo clausurado para esparecimento e amanho*”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> SERRÃO, Joel ( direcção de) – *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1999.

## A CONSTRUÇÃO DO CONVENTO DE S. GONÇALO DE AMARANTE

O convento de S. Gonçalo de Amarante foi fundado em 1540 por D. João III, sendo lançada a primeira pedra em 1543 (a 2 de Maio de 1543, por Frei João de Ledesma), iniciando-se as obras pelas áreas de anexos e serviços, dormitórios, refeitórios e sacristia. A sua construção irá prolongar-se até ao reinado de Filipe I de Portugal, como está bem patente na inscrição das majestosas bases das colunas que enquadram o arco da capela-mor e na “Varanda dos Reis”, onde estão patentes as imagens dos “patrocinadores” da obra: D. João III (1521-1557), D. Sebastião (1557-1578), Cardeal D. Henrique (1578-1580) e D. Filipe I (1580-1598). Talvez por atravessar um tão grande espaço temporal, o resultado final não é unitário, são evidentes os “traços” dos mestres que intervieram na sua construção.

A construção estava limitada pela existência da sepultura de S. Gonçalo e pela vontade de D. João III em não se “bulir” nela<sup>2</sup>.

A geografia do local, rio Tâmega dum lado, rocha granítica do outro, causou grandes dificuldades ao início da obra, tendo sido muito custoso alicerçar as fundações da construção. Não foi, portanto, tarefa fácil a construção do convento de S. Gonçalo. Frei Luís de Sousa frisa: “*foram-se logo descobrindo gravíssimas dificuldades na execução da traça. Porque foi necessário, para se dar toda a traça, que a igreja traçada demandava, desfazer ao picão um muito alto e áspero monte, que pendia sobre a Ermida, e sepultura do Santo*”<sup>3</sup>.



Fig. 2 - Vista geral (recriação de uma feira medieval pelos alunos da Escola E. B. 2/3 de Amarante)

---

<sup>2</sup> Frei Luís de Sousa documentou que “*el-rei Dom João mandou um Architecto que fosse ver o sítio, e traçar a futura lãbrica*” sendo “*a igreja de grande capacidade de comprimento, e largura, e com suas três naves, ficando a capela-mor sobre o rio, para recolher em si a sepultura do Santo; e correndo o corpo da igreja contra o monte, e o resto do Mosteiro lançado à parte direita da igreja, com bastante gasalhado para vinte Frades*” in “*História de S. Domingos*, p. 191.

<sup>3</sup> SOUSA, Frei Luís de – *História de S. Domingos*, p. 191.

## 2. Artistas que trabalharam em S. Gonçalo de Amarante

O primeiro responsável da construção do edifício é Frei Julião Romero. Este vai a Roma em 1552 “*para obter do Papa a autorização do culto a S. Gonçalo*”<sup>4</sup>. É novamente nomeado pelo Arcebispo de Braga numa missiva escrita ao Rei a 21 de Janeiro de 1555.

Mas, de toda a documentação dispersa por vários arquivos, é possível conhecer o nome e funções dos artistas que trabalharam em S. Gonçalo de Amarante, desde arquitectos, mestres de pedraria, carpinteiros, ensambladores, ferreiros, imaginários, pintores, etc., que com a sua labuta fizeram deste Convento a bela construção que hoje podemos apreciar<sup>5</sup>. Passo a referir:

AFONSO, Pedro (ou Pedro Afonso de Amorim) – mestre de pedraria – era natural do Couto de Sanfins. Juntamente com Gonçalo Lopes, foi encarregado pelo Arcebispo de Braga, em 1586, de lhe fornecer uma minuciosa informação sobre o estado das obras do Convento de S. Gonçalo.

ANTUNES, Matias – azulejador – morava em Lisboa, por 1639, data em que contratou pela quantia de 300.000 réis “*azolejar a Igreja do dito mosteiro de São Gonçallo de Amarante, assaber todas as paredes e brancos dela, berços, choro e cruzeiro, e a capella onde está o sepulchro de São Gonçallo, tudo conforme o q. Se vay continuando per fora da capella mor*”<sup>6</sup>.

Em algumas partes da escritura de obrigação e fiança parece ter este artista fornecido já azulejos para a capela-mor da igreja de S. Gonçalo, pois diz-se, por exemplo: “*E os ditos andaimes, q. Ficarão da dita cappella mor q. Elle fes...*”

CORREIA, Gaspar – ferreiro – Aparece como testemunha de um contrato celebrado em 10 de Maio de 1607 entre a madre Isabel da Trindade, abadessa do convento de Santa Clara, e a comunidade do mosteiro de S. Gonçalo, relativo ao cano das imundícies, registado na fl. 85 do «Livro 1º da Capella de Stº António»<sup>7</sup>.

COUTO, Manuel do – mestre de pedraria e arquitecto – Trabalhou na igreja do convento de S. Gonçalo. A ele se deve a construção da portada lateral

---

<sup>4</sup> MOREIRA, Rafael – *Portugal, Roma e Galiza: Frei Julião Romero e a arquitectura da Contra-Reforma*, pp. 222-224, in *Do tardogótico ao Maneirismo*. Compostela, 1995.

<sup>5</sup> Deve-se aos Drs. Albano Sardoeira e Artur da Mota Alves o descobrimento, por volta de 1927, do “Arquivo do Convento de S. Gonçalo”, salvo da destruição pelas tropas francesas aquando das invasões e, não se sabe porquê, guardado na Direcção de Finanças do Porto. Estes dois ilustres estudiosos conseguiram que tal documentação não se perdesse e fosse depositada no Arquivo Distrital do Porto, onde permanece. É graças a eles que hoje se pode consultar os dados que acima refiro sobre os artistas que trabalharam em S. Gonçalo de Amarante.

<sup>6</sup> ACMA. Livro de autos e bens da capela de Santo António (nº geral: 4016). Fls 67-74.

<sup>7</sup> ACMA. Livro de autos e bens da capela de Santo António (nº geral 4016).

da igreja, da varanda dos reis, e respectiva imaginária, cujo contrato se encontra no livro 101 do «Arquivo do Convento de S. Gonçalo», depositado no ADP<sup>8</sup>.

FREITAS, Domingos de – mestre arquitecto de pedraria – Aos 17 dias do mês de Março de 1641, o reverendo frei Diogo da Madre de Deus, prior do convento de S. Gonçalo, e mais padres ajustam com Domingos de Freitas, da vila de Guimarães, o cruzeiro da igreja e o zimbório pala quantia de 750000 réis<sup>9</sup>.

GOMES, António – mestre pedreiro – Foi encarregado, em 1733 de fazer a obra de pedraria da capela-mor da igreja de S. Gonçalo, isto é, romper a parede lá existente de modo a haver espaço para alojar a nova tribuna do altar. A capela-mor foi deste modo prolongada na direcção do rio por um processo muito curioso, sob o ponto de vista técnico, pois houve necessidade de construir um arco invertido para que a pressão das paredes incidisse numa série de cachorros muito salientes para o exterior<sup>10</sup>.

LOPES, Gonçalo – mestre de pedraria – Natural de Guimarães, esteve em Amarante com Pedro Afonso a vistoriar, em 1586, as obras já realizadas no Convento de S. Gonçalo, a fim de elucidar o arcebispo de Braga sobre o seu andamento.

Era irmão de Mateus Lopes, que foi mestre das obras do Convento de S. Gonçalo em 1586 e sogro de João Lopes, arquitecto, a quem se devem muitas obras existentes no concelho de Amarante.

LOPES, João – mestre de pedraria e arquitecto – Também aparece com o nome de João Lopes de Amorim, Sabe-se que era natural de Ponte de Lima e casado com uma filha de Gonçalo Lopes. Construiu o chafariz que está colocado no meio do claustro principal, bem como as escadas que ligam o mesmo claustro aos antigos dormitórios<sup>11</sup>.

LOPES, Mateus – mestre de pedraria – Um dos mestres das obras do Convento de S. Gonçalo de Amarante. É referido num documento de 1586 (vistoria realizada por seu irmão, Gonçalo Lopes)<sup>12</sup>. Pensa-se que deve ter tido grande influência na construção da parte mais antiga e interessante de todo o edifício.

SOLHA, D. Francisco António – organeiro – É muito possível que tivesse construído, em 1762, o majestoso órgão da igreja do Convento de S. Gonçalo, pois vivia à época no concelho, casado com Clara Rosa, do lugar de Moure.

---

<sup>8</sup> ADP. Colecção de vários documentos. Livro 78. Fls. 355 v. -357 v.

<sup>9</sup> ADP. Livro 78. Fl. 75-76 v.

<sup>10</sup> ADP. Livro 78. Fl. 87.

<sup>11</sup> ACMA. Livro da capella de Santo António, fls. 61-63 v.

<sup>12</sup> ADP. Livro 101, fls. 318-318 v.

## 2.1. A família dos Lopes - mestres pedreiros

A história da edificação do Convento de São Gonçalo de Amarante liga-se, como atrás vimos, à família dos Lopes, mestres pedreiros que dominaram o mercado construtivo do noroeste peninsular durante todo o século XVI e inícios do século XVII. Sabe-se que a origem da família está em Ponte do Lima e em João Lopes-o-Velho<sup>13</sup>. Este inicia a tradição familiar na construção de obras religiosas e civis, tendo como área de trabalho também a Galiza.

João Lopes-o-Velho teve três filhos que prosseguiram a sua arte, são eles João Lopes-o-Moço (nascido por volta de 1530 e activo até 1595), Gonçalo Lopes (nascido em 1533 e falecido em 1603) e Mateus Lopes (nascido por volta de 1542 e falecido por volta de 1605). Além da família directa ainda fazem parte desta “escola” os genros de Gonçalo Lopes:

- Pedro Afonso de Amorim (nascido em 1562 e activo até 1605)
- João Lopes de Amorim (activo a partir de 1603 e já falecido em 1656) e
- Sebastião Afonso (activo entre 1558 e 1608).

Mateus Lopes é o responsável pelas obras nas vistorias de 1586, tendo a trabalhar consigo o seu irmão Gonçalo e o genro deste, Pedro Afonso de Amorim. No depoimento de 1591, voltam a aparecer os três nomes. Mateus Lopes encontra-se na Galiza a supervisionar algumas obras de grande envergadura, Gonçalo Lopes é o mestre-de-obras do Convento e Pedro Afonso de Amorim é aparelhador, embora desempenhe as funções de mestre-de-obras.

Num contrato celebrado a 26 de Outubro de 1606, surge-nos outro membro da família: João Lopes de Amorim, contratado para construir uma escada nos anexos em torno do claustro nobre.

Mas, indubitavelmente, quem deixa a sua “marca” no Convento de S. Gonçalo de Amarante é Mateus Lopes. Este artista constrói o claustro nobre do convento amarantino muito à semelhança do Mosteiro de S. João de Poio, nos arredores de Pontevedra, que o próprio tinha construído alguns anos antes (a partir de 1580). As semelhanças são quase totais ao nível dos elementos construtivos e decorativos: *“quatro alas com abóbadas de arestas, cada uma perfilando cinco arcos de volta perfeita assentes, dois a dois, em pedestal contínuo, restando o central como abertura, pautados por grossos pilares que avançam face ao pano*

---

<sup>13</sup> Os primeiros estudos sobre esta família e a sua obra estão presentes nos “*Elementos documentais para a História de Amarante*”, de Albano Sardoeira, obra publicada no Porto em 1957; em Cruz Cerqueira, “*Os Lopes, uma ilustre família de artistas de Ribeira-Lima*”, publicada em Ponte de Lima em 1962; em Francisco Malheiro “*Os Lopes, rendilheiros de pedra*”, também publicado em Ponte de Lima em 1984; em António Matos Reis “*Lopes - uma família de artistas em Portugal e na Galiza*”, publicada em Viana do Castelo em 1989 e ainda Carlos Ruão em “*Arquitectura Mancirista no Noroeste de Portugal. Italianismo e Flamenguismo*”, publicado em Coimbra em 1996.

arquivoltado; a ornamentação, desde o jónico estilizado nos pilares às chaves ou pendentes do fecho das arestas da abóbada, às mísulas que encerram a arcaria, bem como aos quatro mascarões maneiristas que coroam estas nos ângulos da quadratura”<sup>14</sup>. Amarante segue, no entanto, um modelo mais elaborado, por possuir um segundo piso e pelo aperfeiçoamento dos detalhes.

## 2.2. Do “andamento” das obras

A construção inicia-se, como atrás referi, pela parte logística anexa à igreja – parte habitacional e demais oficinas. Ligadas a esta primeira fase da construção existem duas datas conhecidas: uma na parte exterior do lanço do dormitório, na fonte que lá existe, aparece a inscrição 1545, sendo, portanto uma das obras mais antigas do convento de S. Gonçalo<sup>15</sup> e na ante-sacristia, no lavatório aí existente, aparece inscrita a data 1554. Este é, pois, o primeiro edifício a ser levantado. Nesta última data já devia estar concluída a parte dos dormitórios.

Das décadas de 60 e 70 não se encontram referências documentais e cronológicas acerca do Convento de S. Gonçalo, o que leva a crer que as obras devem ter parado.

Em 1585 os religiosos de S. Gonçalo escrevem a Filipe I, fazendo um pedido: *“Dizem o prior e padres do convento de São Gonçalo de Amarante que Vossa Majestade, por lhes fazer mercê e esmola, concedeu um alvará de licença para se pedirem esmola, para as obras do dito santo, na forma do alvará de El Rei Dom Sebastião que Deus tem por tempo de cinco anos que se acabarão neste Janeiro*

<sup>14</sup> RUÃO, Carlos, op. cit., p. 441.

<sup>15</sup> Esta fonte que hoje está adossada à parte exterior da sacristia da Igreja de S. Gonçalo, esteve colocada até aos anos trinta do século passado sob a janela da mesma sacristia, num pátio junto da escada que descia para o rio. Foi colocada naquela época no lugar que hoje ocupa, pelo facto de se ter aterrado a área das escadas e zona envolvente, para criação de um espaço amplo, ou terreiro, a um nível superior ao daquele em que ela se encontrava. Localizava-se na origem, muito perto do túmulo de S. Gonçalo e a sua água considerada como procedente da nascente que (diz a lenda) S. Gonçalo fez brotar de um rochedo para saciar a sede dos trabalhadores da sua ponte, e por conseguinte tida como “miraculosa”, servindo por esse motivo, para abluções e purificações. Tem esta fonte em estilo renascentista, uma pequena bica circular ornamentada por um florão e sobre ela um nicho, hoje vazio, mas que albergou uma imagem de S. Gonçalo. Entre estes dois elementos, a data da construção – 1545 –. Este conjunto é enquadrado por duas pilastras. Sobre tudo isto encontrava-se um friso, no qual se encontram as armas as Ordem Dominicana ao centro, e a inscrição: GONSALVIS O SANCTISSIME QVOS PASCIS HIC AMPLISSIME / NOS TERGE A PIACVLIS – HOC FONTE ET MIRACVLIS- que testemunha ao propriedades e ritos ligados a esta fonte, atrás citados (a inscrição pode ler-se da seguinte maneira: Gonsalvis o Sanctissime/ /nos terge apiaculis/Quos pascis hic amplissime/Hoc fonte miraculis, que, numa tradução livre será: Ó Santíssimo Gonçalo/Limpa-nos, aos que nos lavamos/A nós que saciais aqui abundantemente/Nesta fonte e seus milagres).

Remata todo o conjunto um frontão triangular, hoje incompleto, em cujo tímpano se inserem as armas reais de Portugal, de D. João III. Tem este conjunto, ainda, um pequeno tanque.

*que vem de mil e quinhentos e oitenta e seis” e ainda “porque as ditas obras vão em grande crescimento e são muito mais custosas e se gaste nelas muito mais do que rendem os peditórios”, acrescentando “a obra nova estar em termos de se fazer a abóboda da capela-mor”<sup>16</sup>.*

Filipe I de Portugal, por alvará de 19 de Abril do ano de 1586, pede ao Arcebispo de Braga informações sobre o “estado em que estão as ditas obras e do que nelas têm gastado e quanto está ainda por fazer nelas e o que haverão mister de dinheiro e o que rendem em cada ano os ditos peditórios”<sup>17</sup>. O Arcebispo ordena então uma vistoria a São Gonçalo. Poucos dias depois, a 29 de Abril, perante o provedor da Comarca de Guimarães, são prestados vários depoimentos que dão conta do estado das obras. O depoimento de Gonçalo Lopes, mestre de Pedraria, é o mais completo: “vão em grande crescimento e se trabalha continuamente nelas e este ano carrarão duas capelas e a capela maior está por sarar a qual se sara até todo o Setembro do ano presente, e que se gasta muito nisto cada ano e que é muito necessário acudir a esta obra e com brevidade”. Diz ainda que “em tempo do prior presente se faz muito na dita obra e nunca se trabalhou nas obras como este ano” e “isto sabe por o mestre ser seu irmão e por ir visitar a dita obra em nome de seu irmão uma hora por outra”, pois, tal como inicia o depoimento, “é verdade que Mateus Lopes, irmão dele testemunha, é mestre-de-obras do Bem-aventurado São Gonçalo da vila de Amarante”<sup>18</sup>. Mateus Lopes é, portanto, o mestre de pedraria contratado para erigir a Igreja de S. Gonçalo e Gonçalo Lopes, na sua ausência, aí se desloca periodicamente para acompanhar e supervisionar a fábrica.

Em 1586 muito havia por fazer: no claustro principal estava por terminar a abóbada e o segundo claustro ainda não estava sequer iniciado, a parte oeste do Convento também não estava construída; na igreja, a capela-mor estava quase concluída (e foi-o até ao final desse mesmo ano, como o indica a inscrição no arco cruzeiro: ESTA CAPELA SE ACABOU NO ANO DE 1586), assim como as suas duas capelas colaterais. No corpo da igreja, do lado do Evangelho, já se encontravam prontas as três capelas laterais, a parede da nave estava ao nível da arcaria, com o portal para o claustro principal; do lado da Epístola, no exterior, estava construído o arco da porta travessa (faltavam só os capitéis), no interior encontravam-se quase concluídas as abóbadas das capelas laterais, faltando fazer toda a parte superior das paredes das naves e todo o seu abobadamento, assim como a fachada axial da igreja com o nártex exterior e coro alto.

<sup>16</sup> ADP. *São Gonçalo de Amarante*. Livro 78, fls. 329 v - 330.

<sup>17</sup> ADP. Id., fls 329 - 329 v.

<sup>18</sup> ADP. Id. Ib., fls. 318 - 318 v.

Mestre Gonçalo Lopes refere-se ainda a outras oficinas incluídas na traça original e que acabariam por não serem construídas, dado hoje não haver sinal delas e todo o complexo existente ser muito semelhante ao relatado.

Gonçalo Lopes e Pedro Afonso apresentaram as conclusões da vistoria a António de Freitas, vigário geral de Braga a 6 de Junho de 1586.

A 15 de Março de 1591<sup>19</sup>, Gonçalo Lopes e Pedro Afonso de Amorim prestam novo depoimento sobre o andamento das obras. Gonçalo Lopes diz que se tinham gasto oito mil cruzados, faltando “*acabar o corpo da igreja e torre*”, estimando a obra por concluir em seis mil cruzados.

A 26 de Outubro de 1606, João Lopes de Amorim<sup>20</sup> “*mestre-de-obras de pedraria*”, celebrou contrato para obra – uma escada – em S. Gonçalo de Amarante “*a qual escada se há-de fazer na casa que de novo se vai fazendo e há-de subir a crasta nova que agora está feita, a qual escada terá dois arcos sobre o que será fundada.*”. Também fará um chafariz para o claustro que não cumprirá o plano, dado não ser encimado conforme o estipulado (um menino com um chapéu na cabeça), mas sim por um coruchéu: “*(o chafariz terá) duas taças, uma grande e outra pequena*”, “*em cima da pequena haverá um menino com um chapéu na cabeça*” e “*quatro serafins para que por eles caia água*”.



Fig. 3 - Chafariz

O segundo claustro foi construído posteriormente, logo nas primeiras décadas de seiscentos. A cúpula, zimbório e janelas devem ter sido construídos por Domingos de Freitas a partir de 1641. O portal nobre, de Lopes, só foi concluído em 1683 por Manuel do Couto.

Considera Carlos Ruão<sup>21</sup> ser S. Gonçalo de Amarante “*uma espécie de microcosmos do gosto artístico desenvolvido na região*” porque nele trabalhou a “*escola*” dos Lopes: de Mateus Lopes a João Lopes de Amorim, o que lhe confere “*estilos*” diferentes num mesmo espaço.

<sup>19</sup> ADP, Id. Ib. fls. 338-339 v.

<sup>20</sup> ACMA. Livro primeiro da capela de Santo António, fls. 61-63 v.

<sup>21</sup> RUÃO, Carlos – *O Convento de São Gonçalo de Amarante. O microcosmos da arquitectura maneirista do Noroeste de Portugal*. “*Revista Monumentos*”, nº 3, Lisboa, Setembro de 1995, p. 28.



Fig. 4 - Segundo claustro

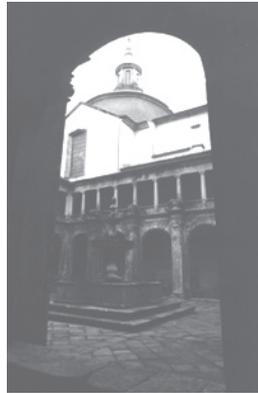


Fig. 5 - Claustro Nobre

## **Descrição geral da igreja**

### **1. O exterior**

Construiu-se um convento com uma igreja de planta composta, em cruz latina, de uma nave precedida por galilé e com capelas colaterais profundas e intercomunicantes; o transepto é inscrito, a capela-mor rectangular e o claustro disposto a Norte. Possui volumes escalonados com coberturas diferenciadas em telhados de duas águas e em domo no cruzeiro. A fachada principal é rasgada na zona superior por dois janelões rectangulares e uma rosácea. A porta, de arco chanfrado é antecedida por uma galilé de arcos plenos, assentes em rudes pilastras, com abóbada de pedraria, datada de 1619. Sobre ela apoia-se toda a construção do coro.

A torre, ao lado tem três andares e é rematada por arcos balaustrados e por pirâmides de recorte oriental. A fachada lateral Sul da igreja de S. Gonçalo de Amarante é uma peça relevante dentro do panorama português e chave para

compreender a génese das grandes fachadas – retábulo do último renascimento português e galego: o culto da Virgem como intercessora entre o Homem e a Divindade que aparece acompanhada pelos grandes varões da Ordem Dominicana. Dominada pelo soberbo pórtico, com arco pleno, enquadrado por estrutura de três registos, sendo o primeiro flanqueado por quatro colunas coríntias caneladas, assentes em robustos pedestais, enquadrando duas estátuas (São Francisco de Assis e São Domingos de Gusmão). O registo intermédio, é constituído por uma fiada de seis colunas estriadas e entablamento decorado, com imagens de São Gonçalo sobre a ponte/plinto ameada, São Pedro Mártir e São Tomás de Aquino. O último tem colunas salomónicas, pinaculados, volutas, cartelas e um nicho abrigoando uma imagem de Nossa Senhora do Rosário. No fastígio do frontão, de tímpano ornamentado, apruma-se o escudo real enlaçado com o dos dominicanos.

A comunidade confiou ao já atrás referido Mateus Lopes o traçado da capela-mor e do portal da Igreja. Uma vez aprovado o projecto, começaram as obras em finais de 1586. À frente da fábrica do convento de S. Gonçalo fica Gonçalo Lopes e Pero Afonso que se ocupam da obra até ao início do século seguinte. Durante quase 100 anos não se trabalhou na fachada. Em 1683, no tempo de frei João da Madre de Deus, a comunidade decidiu reiniciar a obra e confiou a Manuel do Couto a finalização do projecto e a construção de uma galeria aberta – a modo de loggia – sobre a nave das capelas orientadas ao meio-dia<sup>22</sup>.

A Varanda dos Reis é feita em correspondência com a estatuária do Portal. É da mesma fábrica e foi contratada em 1683 pelo mestre de pedraria e arquitecto Manuel do Couto. Na cornija, por cima das galerias, sobressaem seis pirâmides, assentes em pedestais e no paramento à esquerda do pórtico abre-se um janelão setecentista que ilumina o transepto.

Na cobertura destaca-se o zimbório, em telha e azulejo do século XVII. Dividido em dois sectores, cobertos de telha de diferente inclinação, é rematado por um lanternim revestido a azulejo, em cujo cimo existem uma esfera armilar, um catavento e uma artística cruz dominicana. O contrato de construção do zimbório data de 17 de Março de 1641 e é obra do arquitecto Domingos de Freitas<sup>23</sup>.

A torre sineira sobressai em todo este conjunto pois é um dos mais interessantes exemplares de campanários seiscentistas de Entre Douro e Minho. Ergue-se defronte da fachada principal e num nível mais elevado em relação ao templo. Possui planta quadrada, dividindo-se na vertical em três registos enquadrados por pilastras de canto, salientes em relação às paredes rebocadas. É obra de três

---

<sup>22</sup> ADP. Colecção de vários documentos. Livro 78. Fl. 355.

<sup>23</sup> ADP. Livro 78. Fl. 75-76 v.

mestres pedreiros: Domingos Moreira, João Moreira e Pascoal Fernandes que se comprometeram a construir a torre perante Frei Miguel de Santa Rosa, procurador do Convento de S. Gonçalo<sup>24</sup>. O contrato não refere o autor do traço da torre sineira mas fornece-nos referências relacionadas com a sua construção, desde as medidas, passando pela sua localização em relação à igreja e com todos os pormenores essenciais à sua edificação.<sup>25</sup>

A planta geral da igreja do Convento é em cruz latina, com a capela-mor, transepto, nave, capelas laterais comunicantes e nártex.

## 2. O interior

### 2.1. As capelas

No interior da Igreja, começemos pelo tecto. No paramento superior corre a cornija principal, de forte molduração, percorrendo a nave, é interrompida pelo órgão (do século XVIII que deve ter sido construído por Francisco Solha), pelo rompimento das janelas de quatro lóculos, a falsa abóbada de canhão, caixotões, nervuras e rosetões, falsos nichos e abóbadas de lunetas, a pintura dos evangelistas, do Papa (?), de Santo Agostinho, de S. Francisco e S. Domingos.



Fig. 6 - Interior da Igreja

Do lado esquerdo (lado do Evangelho) existe o baptistério, do século XVII, com um óleo sobre tela, representando o baptismo de Cristo, pintura do século XVIII.

---

<sup>24</sup> ADB. Nota Geral, nº 453, fls. 133-134 v.

<sup>25</sup> Idem.

Continuando pelo lado esquerdo, encontramos a capela de Santo António. Possui altar neoclássico de finais do século XVIII. Tem uma pintura no altar e imagem estofada a ouro e policromada, também do século XVIII. Esta capela comunica com a de Nossa Senhora do Rosário que possui pintura original sobre pedra do século XVII (1684). O estilo do altar é neoclássico e a imagem é estofada a ouro e policromada do século XIX. À capela de Nossa Senhora do Rosário liga-se a Confraria de Nossa Senhora do Rosário que é erigida em 17 de Maio de 1626.

Logo a seguir, a terceira capela do lado do Evangelho, que comunica com a anterior de Nossa Senhora do Rosário, é a de Santiago. Possui altar barroco, do século XVIII, pintura sobre pedra dos séculos XVII-XVIII e imagem, do século XVII, em madeira policromada. É de estilo nacional, com colunas salomónicas (a principal decoração são cachos de uva).

Junto da porta da fachada lateral, no corpo da Igreja mas do lado da Epístola, dando para o Largo de S. Gonçalo, existe a capela de S. Jacinto, de estilo barroco, século XVIII.

A comunicar com a anterior está a capela de Nossa Senhora do Pópulo ou da Guia, de estilo neoclássico, génese da Ordem Terceira de S. Domingos. Nesta existiu a imagem do Senhor dos Aflitos ou Afligidos, mudada em 1725 para a capela erigida sobranceira à «Rocha» e ao Largo de S. Gonçalo e que tomou o seu nome, pertencendo à Venerável Ordem Terceira do Patriarca S. Domingos.

No transepto da igreja há capelas colaterais de grande alçado e pouca profundidade. No lado do Evangelho, é de invocação ao Santíssimo Sacramento, onde se sediou a Confraria do Santíssimo Sacramento. É de estilo neoclássico, do século XIX. Junto do altar, na parede lateral, está um escudo com as armas dos Pintos, Vasconcelos e Cerqueiras.

A capela do lado da Epístola, também no transepto, era de invocação do Senhor Jesus, actualmente Senhora das Graças. Numa janela desta parede está encaixada, no exterior, a imagem de Nossa Senhora da Ponte, escultura do século XIV.

Junto desta capela está a de Santa Rosa ou do Descendimento da Cruz (actualmente de Santa Luzia) que é de estilo maneirista. A imagem de Santa Luzia é em madeira estofada a ouro e policromada, do século XVII. Possui duas telas, com pinturas de Santa Margarida e Santa Úrsula. Logo acima, a descida da Cruz, ao centro, Santo António (à esquerda) e S. Marcos (à direita).

## 2.2. Os púlpitos

Existem ainda dois púlpitos, em estilo barroco, a imitar tecido, do século XVIII, situados na nave central, um do lado do Evangelho e outro do lado da Epístola, ambos encimados por esculturas que personificam a paz.

### 2.3. As colunas

A preceder a entrada da capela-mor existem duas colunas que enquadram o arco triunfal da mesma. Merecem alguma atenção pelo simbolismo de que se revestem<sup>26</sup>. São de ordem dórica, imponentes, compostas por um pedestal formado de soco, um dado com uma inscrição e uma cornija que suporta a estrutura da coluna e, no cimo desta, a estátua de S. Pedro, no lado do Evangelho, e S. Paulo, no lado da Epístola<sup>27</sup>. No dado do pedestal da coluna de S. Pedro está gravada a seguinte inscrição: ESTE CONVENTO FVNDOV / EL REI DOM JOÃO 3º DESTE / NOME A HONRA DO GLORIO / SO S. G. DA ORDEM DE S. DOMINGOS NA / ERA DE 1540 E DEPOIS EL REI / DON SEBASTIÃO SEV NETO ALCAN / SOV LICENÇA DO PAPA PIO QVART / TO NO ANNO DE 1561 PERA NES / TES REINOS SE PODER RESAR / DO DITO S. E DO ANNO DE 1595 / EL REI DOM FELIPE NOSSO SENHOR O 2 DESTE NOME /

Continua a inscrição na coluna de S. Paulo:

E PRIMEIRO DE PORTVGAL MAN / DOV DECLARAR POR HVMA /  
/ PROVISAM SVA QUE ESTA / REGISTADA NO LIVRO DA CA / MARA  
DESTA VILA COMO ELLE HE / PADROEIRO DESTE CONVENTO / E  
COMO TAL DEFENDE QUE NA / CAPELLA MOR DO DITO CONVENTO  
SE NÃO POSSA ENTERRAR / NINGVEM COMO MAIS LARGA / MEN-  
TE CONSTA DA DITA / PROVISAO QUE ESTA NO / ARQVIVO DESTE  
CONVENTO.

### 2.4. A capela-mor e seu altar

Passando à capela-mor, esta é muito profunda, de volta perfeita, com colunas joaninas, caixotões com florões, cornija quebrada e tramos assentes em mísulas. É bastante ampla e abrange um vasto espaço rectangular aproveitado para duas capelas que ladeiam a escadaria do altar-mor, a da estátua jacente de S. Gonçalo (túmulo simulado dos séculos XVI-XVII) e a dos votos (com imagens de S. Gonçalo dos séculos XVIII e XX), respectivamente do lado do Evangelho e da Epístola.

Quanto ao altar-mor, a sua decoração é de estilo barroco joanino, com imagens de S. Francisco e S. Domingos, do século XVIII. O transepto é rematado pela cúpula e lanternim sobre o cruzeiro, nervada e em caixotões decrescentes,

---

<sup>26</sup> Sobre estas colunas existe um exaustivo estudo, da autoria de MARTINS, Fausto – “Colunas Triunfais da Igreja de S. Gonçalo de Amarante”, publicado nas ACTAS DO CONGRESSO HISTÓRICO 98, volume dedicado ao Património, Arte e Arqueologia.

<sup>27</sup> O agrupamento iconográfico de S. Pedro e S. Paulo tem a sua origem na vinda dos dois Apóstolos para a cidade de Roma, local onde ambos padeceram o martírio.

assente em triângulos sobre arcos duplos, também com caixotões, nascendo das cornijas, em tudo semelhantes às da capela-mor, por exigência do contrato havido com o mestre arquitecto Domingos de Freitas<sup>28</sup>, em 1641, ao qual foi entregue a obra d' "*ho cruzeiro da igreja do (...) senhor sam gonçallo pera que elle ho fizese de abobada (...) na com formydade da Capellamor (...)*" e "duas frestas no cruzeiro" também "na Conformidade das da Capellamor".

Na nave são adoptadas soluções barrocas nos entablamentos e nos fingimentos da abóbada paralelos à nave. É nesta que se abrem as seis capelas referidas atrás, três de cada lado. No paramento superior corre a cornija principal, percorrendo a nave, sendo interrompida pelo órgão, pelas janelas de quatro lóculos e pelos seus próprios requebros, da qual parte a falsa abóbada de canhão com o *trompe d'oeil* dos caixotões, nervuras e rosetões, falsos nichos, falsas abóbadas de lunetas e a pintura dos Evangelistas, de Santo Agostinho, S. Francisco, S. Domingos e (talvez) do Papa.

Entre a capela do túmulo e a sacristia há uma passagem com um tecto em talha de madeira policromada (século XVII). O tecto é em forma de caixotões, num estilo de transição entre o maneirismo e o barroco. Também existe um lavabo de 1554, de estilo renascentista.

## 2.5. A sacristia

A sacristia, cuja porta tem a data de 1597, é uma sala de estilo maneirista e contém pinturas em tela do nascimento, baptismo e morte de S. Gonçalo, bem como de Santa Catarina de Sena (primeira freira dominicana, falando de um púlpito perante o Papa Clemente VIII) todas do século XVIII, da autoria de Manuel Correia e Sousa. Ainda possui pinturas de Santa Maria Madalena (século XVII) e uma imagem de S. Gonçalo em madeira, muito antiga. Os azulejos são do século XVII.

---

<sup>28</sup> SARDOEIRA, Albano – *Notícia de alguns artistas que trabalharam em Amarante*, pp. 28-31.

